

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Andressa Ceni Lopes

**ESPORTE DA ESCOLA: um olhar pedagógico sobre a participação nos Jogos
Escolares do Rio Grande do Sul**

PORTO ALEGRE,

2014

Andressa Ceni Lopes

ESPORTE DA ESCOLA: um olhar pedagógico sobre a participação nos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física, submetido como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

PORTO ALEGRE,

2014

Andressa Ceni Lopes

**ESPORTE DA ESCOLA: um olhar pedagógico sobre a participação nos Jogos
Escolares do Rio Grande do Sul**

Conceito final:

Aprovado em: ____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador Rogério Voser por ter aceitado meu convite de orientação. Apostando no potencial e pertinência do tema, assim como na minha convicção de que poderíamos deixar um documento relevante a comunidade acadêmica e para os professores que já estão desenvolvendo seu trabalho nas escolas.

Agradeço também a meus pais, Neila e Evaldo, pela criação amorosa, cuidadosa, atenciosa e incondicional. Mostraram-me que o conhecimento é algo riquíssimo e que pode mover montanhas! Ele faz com que consigamos alcançar nossos sonhos e isso não tem preço.

Agradeço minha irmã Ana Clara, pela paciência, carinho e amizade. Só nós sabemos o tamanho do nosso amor. Peço desculpas por não podido ser mais presente durante tua infância, mas acredito que quando estávamos juntas, eram momentos verdadeiros e que ficaram em nossas memórias!

Agradeço meu noivo Daniel por todo amor e atenção que me deu ao longo destes “nove” anos juntos. Se não fosse pelas jantinhas maravilhosas, os cobertores nas costas enquanto estudava, os chás de noite para não ficar gripada, as piadas e bom humor, os passeios para visitar minha família, enfim, todo cuidado, carinho e felicidade que tu me destes fizeram a diferença para vencer mais uma etapa!

Agradeço meu primo Mateus Ceni por ser meu mentor e estar atento as oportunidades profissionais na Educação Física, acreditando no meu potencial para alcançá-las! Hoje posso dizer que serei professora da rede municipal graças a ti!

Agradeço o professor Elisandro Wittizorecki pelo incentivo pessoal e profissional ao longo destes últimos dois anos de graduação. Isso fez com que conseguisse atingir mais uma meta profissional: ingressar no mestrado! Gracias!

Agradeço aos professores que participaram da minha pesquisa, me proporcionando entrar em suas escolas e conhecer um pouco mais de suas realidades profissionais!

Enfim, agradeço a todos, aos meus colegas e amigos que estando perto ou longe acreditavam no meu potencial!

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi analisar a opinião dos professores em relação a participação da escola na competição dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório. A pesquisa foi feita com três professores de Educação Física de escolas públicas de Porto Alegre que participaram do JERGS 2013 (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul) com a equipe do futsal feminino. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada previamente elaborada pelos pesquisadores e o registro fotográfico dos ambientes físicos utilizados pelos professores para as suas aulas, possibilitando uma aproximação dos processos educativos concretos e do cotidiano desses professores. Tornou-se relevante um aprofundamento de temas como: esporte educacional, intervenção pedagógica através do esporte no contexto escolar e competição pedagógica. A análise das informações permitiu compreender, a partir dos contextos dos referidos professores que: todos tiveram contato com o esporte dentro e fora da escola enquanto discentes e que isto, de alguma forma, interferiu na escolha pela Educação Física como profissão; o esporte é desenvolvido por eles de forma educativa e formativa nos dois contextos; a competição é vista como um fator positivo no processo educativo dos estudantes; o futsal feminino está sendo vislumbrado em sua finalidade educativa, social e cultural.

Palavras Chave: Educação Física Escolar. Pedagogização do Esporte. JERGS. Futsal Feminino.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the opinions of teachers regarding the school's participation in the School Games in Rio Grande do Sul were a qualitative, descriptive study competition. The survey was conducted with three physical education teachers in public schools in Porto Alegre who participated in the 2013 JERGS (School Games of Rio Grande do Sul) with the team of female soccer players. One semi-structured interview previously prepared by the researchers and photographic record of the physical environments used by teachers for their classes, allowing an approximation of the actual educational processes and daily life of these teachers was used as a tool for data collection. Became a deepening of relevant topics such as sport education, pedagogical intervention through sport in the school context and educational competition. The analysis of information allows us to understand, from the contexts of those teachers who: all had contact with the sport inside and outside of school as students and that this somehow interfered in the choice of Physical Education as a profession; the sport is developed by them of educational and training in the two contexts; competition is seen as a positive factor in the educational process of students; Women's futsal is being watched, in its educational, social and cultural purpose.

Keywords: Physical Education. School. Sport. JERGS. Futsal. Pedagogy.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	REVISÃO DE LITERATURA.....	10
2.1	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	11
2.2	ESPORTE NA/DA ESCOLA: REFLEXÕES.....	12
2.3	FUTSAL FEMININO DA ESCOLA.....	14
2.4	COMPETIÇÃO: PRINCÍPIOS NORTEADORES DOS JOGOS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL (JERGS).....	15
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	17
3.2	SUJEITOS DO ESTUDO.....	17
3.3	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	17
3.4	REGISTRO DAS INFORMAÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	18
3.5	ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	18
3.6	VALIDAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	18
3.7	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E PRECEITOS ÉTICOS	19
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	20
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES E SUAS RESPECTIVAS ESCOLAS.....	20
4.2	CATEGORIAS ANALISADAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS.....	22
4.2.1	Identidade Docente dos Professores de Educação Física Escolar (EFE).....	22
4.2.2	Finalidades do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar.....	24
4.2.3	Finalidades das aulas na Equipe Esportiva da escola.....	27
4.2.4	Contextualização do Futsal feminino no ambiente escolar	31
4.2.5	Competição: um elemento educativo e formativo.....	34
5.	CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS.....	40
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICES.....	45

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física passou por mudanças no contexto escolar, deixando de ser “atividade curricular” para ser considerada um “componente curricular” obrigatório defendida por lei no Brasil. Sendo assim, assumiu e incorporou em sua prática pedagógica os códigos e funções da escola, existindo então uma relação interdependente entre as mesmas (LDB, 1996; VAGO, 1996).

Entretanto, a história da Educação Física escolar também está atravessada pela história esportiva no Brasil, e a partir da década de 80 iniciaram-se várias discussões e mal entendidos sobre o uso do esporte nas escolas (PCN, 1996; BRACHT, 2000). A utilização do termo "escolar" se faz necessário na nomenclatura "Educação Física *escolar*", conforme orientado por Caparroz (2005), apesar de soar ambiguidade para alguns autores.

Atualmente, segundo Testa e Neto (2011) a cultura esportiva se manifesta em diferentes contextos sociais e institucionais (escolas, praças, clubes) com diferentes finalidades (desenvolvimento de cidadãos, lazer, produto midiático, respectivamente). Porém, acredito, assim como Vago (1996), “que a escola, enquanto instituição social pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade” pode visá-lo como um “movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade”. E a escola só conseguirá tal objetivo através do tratamento pedagógico que os professores dão aos conteúdos da Educação Física escolar.

Bôas et al (2000) fazem uma revisão de literatura sobre manifestações pró e contras o esporte, e encontram muitas divergências nas literaturas. Acreditam que o ideal seria realizar uma pesquisa de campo (nos terrenos dos acontecimentos) “para perceber, junto aos mais diretamente envolvidos, os aspectos que os relacionam à prática, analisando-os nas suas vertentes lúdica, educativa, competitiva e de rendimento”, referindo-se aos professores em seus processos educativos diários.

Voser e Giusti (2002) acreditam que o esporte educacional e o de participação (lazer) possuem similaridade de objetivos, meios e possibilidades de utilização, não tendo o intuito voltado para a especialização e o treinamento. Porém, fazem um levantamento de literaturas que apontam a utilização inadequada dos espaços e

tempos escolares, sendo voltados para o desenvolvimento do esporte de rendimento.

Conhecer os aspectos técnicos, táticos, sistemas e a prática nas modalidades, segundo Tenroller e Merino (2004), não garante a totalidade de conhecimentos que os professores devem possuir para o ensino do esporte. Ele deve ter claro qual seu objetivo ao se ensinar o esporte em sua prática pedagógica, tanto nas aulas curriculares quanto extracurriculares. Outro autor preocupado com as finalidades pelas quais o esporte tem sido ensinado nas escolas é Betti (1992). Acredita que ao ensinar este conteúdo, o professor deve promover o entendimento dos vários sentidos que os esportes possam ter, como por exemplo, resolução de conflitos quando existirem, mudança de regras, ou seja, que o esporte possa ser compreendido e transformado pelo aluno (idem, 1999).

Tendo em vista as críticas recebidas pelo esporte no Brasil quanto a seu caráter alienante e tecnicista (BRACHT, 2000), compreende-se a necessidade de ouvir os professores que estão na “lida diária” com seus estudantes. Ao pensar sobre a utilização do esporte em sua intervenção pedagógica, o professor de Educação Física deve fazer alguns questionamentos: quais são os desafios enfrentados ao elencar o esporte como conteúdo? Como deve ser abordado este conteúdo na intervenção pedagógica? O que muda na intervenção pedagógica ao realizá-la na equipe esportiva de futsal feminino da escola? Quais as vantagens e desvantagens da competição neste ambiente? Como a equipe diretiva da escola se posiciona em relação às competições promovidas pelo Estado, como o JERGS?

Para tal, o presente estudo objetivou analisar a opinião dos professores em relação à participação da escola na competição dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Como prática cultural, o esporte incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma dada sociedade historicamente organizada, sendo realizado em diferentes espaços sociais e culturalmente apropriado de múltiplas formas — inclusive as não-autorizadas. A escola é um desses espaços de realização e de apropriação da prática cultural de esporte, e é o tratamento que ela dá a ele, na Educação Física, que interessa aqui (VAGO, 1996).

A importância deste novo olhar para o esporte escolar, segundo Bracht (2009) concentra-se no fato de que por um período na história da Educação Física seu foco tendia para o desporto de rendimento. O mesmo fomenta um tipo de intervenção voltada à detecção de talentos esportivos e a supervalorização da técnica, com um fim em si mesmo. Este cenário podia ser observado na década de 70, a partir da LDB de 71 (Decreto no 69.450, de 1971), onde colocava como finalidade da Educação Física na escola desenvolver a aptidão física, tanto na organização das atividades como no seu controle e avaliação, além da iniciação esportiva, que já acontecia a partir da quinta série. Logo, a ênfase era na descoberta de novos talentos esportivos que representassem o Brasil.

Kunz (2010) relata que na década de 80 passou-se a questionar o caráter alienante do esporte, através das abordagens críticas. A palavra alienante é considerada por Paulo Freire uma invasão cultural, domesticação e opressão. Essas palavras soam muito forte e de forma negativa para o conteúdo. Então, Freire coloca que isto pode ser uma motivação para o aprimoramento do trabalho educativo (KIELING, 2008).

Por isso atualmente a maior crítica sobre o esporte se situa na razão técnico-instrumental, e não no desporto em si. Porém, isso dependerá do trato pedagógico, ou seja, sob quais condições e de que forma o esporte deve e pode ser praticado na escola, como coloca Bracht (2006).

Ao elencar o esporte, enquanto fenômeno sócio-cultural, como conteúdo a ser desenvolvido dentro do contexto escolar entende-se sua relevância por fazer parte do cotidiano da sociedade, manifestando-se na mídia (televisão, jornal, outdoors) e em praças e clubes. Porém, para tal desenvolvimento, ele deve receber um tratamento pedagógico ao entrar na instituição escolar (TENROLLER E MERINO, 2004; BARROSO E DARIDO, 2006).

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Vários autores ao longo da história da Educação Física tentam definir qual o(s) seu(s) objeto(s) de estudo, e Daolio (2007) propõe uma leitura sobre como o conceito de cultura está relacionado com esse processo histórico.

Por ordem cronológica Go Tani (1988) traz o objeto de estudo como sendo a cultura do movimento, voltado para aspectos biológicos do desenvolvimento e aprendizagem motora.

Freire em 1989 não descreve sua abordagem com o conceito de cultura propriamente dita, mas acredita que diferenças sociais, étnicas e culturais tornam impossível qualquer padronização de movimentos, pois o professor deve considerar a condição natural das crianças (cultura infantil).

No livro escrito pelo “Coletivo de Autores” (1992) utilizam-se do conceito “cultura corporal”, colocando a Educação Física como disciplina que irá tratar pedagogicamente os temas desta cultura.

Kunz (1994) considera o termo “cultura do movimento” como objeto de estudo da Educação Física, considerando o movimento como algo dinâmico e intencional, superando dicotomias corpo/mente e natureza/cultura.

Para Valter Bracht (1999) a Educação Física como prática pedagógica se legitima na escola, ao tratar com uma intencionalidade pedagógica as manifestações da cultura corporal do movimento.

Mauro Betti primeiramente se utiliza do termo “cultura física” e posteriormente se apropria também do termo “cultura corporal do movimento” ampliando seu entendimento sobre a função da Educação Física na escola que seria de contribuir na formação da personalidade dos alunos através da geração de valores (1994; 1999).

Ao longo da pesquisa usarei como referência para reflexão autores das pedagogias críticas por se aproximarem do que acredito para a Educação Física, elegendo a cultura corporal de movimento como referência, pois garante o acesso a essa cultura, propiciando ao aluno condições de conhecê-la, reproduzi-la, reconstruí-la e transformá-la (BARROSO E DARIDO, 2006).

2.2 ESPORTE NA/DA ESCOLA: REFLEXÕES

A instituição esportiva possui alguns eixos, que segundo a análise antropológica de Bracht (2005) a legitima: educação, saúde e confraternização e a paz mundial. Na tentativa de se propagar socialmente, o esporte assume o eixo da saúde, legitimando-se assim, através de frases: “esporte é saúde” e “esporte é qualidade de vida” (BRACHT, 2005). Porém, na década de 70 sua inserção na instituição escolar se deu com o objetivo de nacionalismo e aptidão física (PCN, 1996).

Por ter o grande carro mestre o esporte de rendimento, a instituição esportiva tem sua lógica interna “impermeável” aos argumentos educacionais. Foi por isso que a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro de 1985, presidida por Manoel Tubino e instalada pelo Decreto nº 91.452, sugeriu que o conceito de Esporte no Brasil fosse ampliado, deixando a perspectiva única do desempenho e, também, compreendendo as perspectivas da educação e da participação (lazer). Então foi criada a Lei Zico e a Lei Pelé que determinaram conceitos e princípios para o esporte brasileiro, em suas três manifestações: educação (educacional e escolar), participação (lazer) e rendimento (TUBINO, 2010).

Sendo assim, este mesmo autor coloca que a prática escolar do esporte (Esporte Educacional) deve favorecer as ações educativas que as práticas esportivas oferecem (respeitar as regras, aprender a ganhar e perder, recuperar-se após as derrotas, perceber o sentido de equipe, etc.) e deve ser orientada com princípios sócio-educativos que são inclusão, participação, cooperação, co-educação e co-responsabilidade, objetivando a formação para a cidadania. As regras e regulamentos são adaptadas e estabelecidas pelos educadores conforme o contexto no qual estão inseridos.

Por sua vez, o Esporte Escolar aceita as vocações esportivas (possíveis talentos) e é destinado à utilização nas competições externas intercolegiais, nas quais os princípios orientadores são o desenvolvimento esportivo e o desenvolvimento do espírito esportivo (*flair play*, determinação de enfrentar desafios, entre outras qualidades morais importantes). No Esporte-Educação (Esporte Educacional e Esporte Escolar), o sentido será sempre o da formação, e a cidadania estará efetivamente na referência principal.

Outros autores utilizam-se das preposições “da” e “na” para diferenciar as forças atuantes e as finalidades ao se contemplar o esporte dentro da instituição escolar.

“O esporte ‘na’ escola é um prolongamento da própria instituição esportiva” (BRACHT, 1992 apud VAGO, 1996). Corroborando, Bôas et al (2000) diz que o esporte “na” escola vem reproduzindo alunos inconscientes, acríticos e insensíveis à realidade que os envolvem. Atenta-se que a preposição “na”, dá um sentido de que o esporte institucionalizado (desenvolvido fora da escola) se apropria deste espaço para se propagar, seguindo seus princípios do esporte de rendimento (estimula o individualismo, a competição exacerbada e o autoritarismo, não exercendo função educativa e muito menos socializadora).

O Coletivo de Autores (1992) ao defender o esporte como conteúdo “da” Educação Física escolar, entende essa relação institucional, por ter uma produção histórico-cultural muito voltada ao desporto de rendimento, porém recebe um tratamento pedagógico (crítico) ao ser ensinado na instituição escolar. Para eles o esporte deve ser abordado como um conteúdo “da” Educação Física escolar, pois ao se utilizar a preposição “da” o mesmo começa a ser visualizado como um meio para formação dos alunos.

Assim como Kunz (2010), que acredita que seu desenvolvimento enquanto conteúdo da Educação Física escolar possa ser orientado para finalidades educacionais (processo social que indica uma consolidação cultural e histórica) e pedagógicas (compreender o fenômeno esportivo; avaliar e entender as mudanças históricas do mesmo; possibilitar vivências de diferentes modalidades; entender o papel do espectador; possibilitar momentos de reflexão crítica sobre todas as formas de encenação esportiva).

Corroborando e fazendo uma síntese do já descrito, Voser e Giusti (2002) crêem na necessidade do professor buscar um sentido pedagógico, uma nova concepção de esporte para sua prática na escola, atendendo assim ao compromisso educacional, e não apenas às exigências esportivas.

2.3 FUTSAL FEMININO DA ESCOLA

Acredito que Kunz (2010) traga uma grande contribuição para esse novo entendimento do esporte das aulas de Educação Física escolar que é a sua transformação didático-pedagógica (de seus movimentos padronizados e das regras preestabelecidas para execução), pois sua importância cultural é inquestionável, "porém não garante sua legitimidade no contexto escolar sem profundas transformações (pg. 85)". Partindo desta concepção da literatura sobre o esporte da escola, podemos então ampliar nossa discussão para a modalidade específica no qual o presente artigo se compromete em discorrer, o futsal, mais especificamente o futsal feminino.

Encontram várias literaturas que relatam o crescente desenvolvimento do futsal feminino no Brasil (SANCHES E BORIM, 2010; SANTOS E BANDEIRA, 2009) mostrando um crescente número de praticantes dentro da instituição escolar (SILVEIRA E STIGGER, 2013; SANTANA E REIS, 2003). Porém, Oliveira (2008) traz muitos autores que relacionam uma visão preconceituosa quanto a prática do futsal realizada por pessoas do sexo feminino e perante o masculino, tanto fora quanto dentro da escola.

Santana e Reis (2003) apontam alguns pontos importantes do professor de Educação Física escolar considerar ao ensinar o conteúdo, principalmente para o sexo feminino:

- a) Em ambientes extra-escolares, os meninos começam sua prática cerca dos 5-6 anos, enquanto que as meninas cerca dos 9-12 anos, sendo esta idade a mais indicada para se aprender mais sobre algo particular tanto motor quanto psicologicamente, pois já começam a entender a cooperatividade e pensamento abstrato.
- b) Iniciando-se nesta idade, as meninas tendem a escapar da especialização precoce e seus efeitos como: hipercompetitividade, pressão psicológica por resultados (pais e professores) e estresse. Então, elas mantêm e sentem prazer na prática da Educação Física escolar e na equipe esportiva da escola.
- c) As meninas chegam à fase adulta sem seqüelas físicas e psicológicas, pois iniciaram a prática perto do fim do estirão de crescimento.

- d) Por iniciarem no futsal sistematicamente mais tarde que os meninos, poderiam ter atraso em capacidades físicas como: velocidade de reação, flexibilidade e capacidades coordenativas. Porém, estas devem ser desenvolvidas na Educação Física escolar e, por que não dizer, em ambientes externos como praças em convívio com amigos e familiares.

Santana e Reis (2008) também trazem alguns pontos positivos ao iniciar a prática sistemática do futsal: as crianças se apropriariam de um esporte que é um patrimônio cultural e, portanto, de direito de todos, meninos e meninas; com o devido tratamento pedagógico, a iniciação poderia ser uma facilitadora educacional, isto é, aprendendo futsal, as meninas aprenderiam mais que futsal; assim como a iniciação poderia ser um meio para favorecer a auto-estima, para introduzir uma cultura de lazer esportivo, para desenvolver capacidades.

Observa-se que o período de inserção pelas meninas no esporte é mais tardio do que nos meninos, e isso pode ser devido a questões culturais do que biológicas. O professor deve entender estas questões que estão envolvidas com a escolha e a prática do futsal pelas meninas ao desenvolver este conteúdo.

2.4 COMPETIÇÃO: PRINCÍPIOS NORTEADORES DOS JOGOS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL (JERGS)

Através da análise do regulamento geral dos JERGS, pode-se constatar que o mesmo tem por “finalidade estimular a prática esportiva em todas as escolas públicas do Estado (municipais, estaduais e federais), e a mobilização da comunidade escolar em prol do esporte educacional”. Ao utilizar a denominação “esporte educacional” entende-se que este esteja de acordo com os princípios citados no capítulo 2.2: respeitar as regras, aprender a ganhar e perder, recuperar-se após as derrotas, perceber o sentido de equipe, etc..

A finalidade da execução dos JERGS se justifica por proporcionar aos alunos da rede pública escolar a prática do esporte educacional e, com esta prática, reforçar a sua cidadania, direcionando-os à construção de um mundo melhor, livre de qualquer tipo de discriminação, através de compreensão mútua, fraternidade, solidariedade e cultura da paz, dando continuidade ao processo pedagógico

vivenciado nas escolas. Com os JERGS, pretende-se a construção de valores, conceitos e a vivência de realidades diferentes daquelas de seu cotidiano.

Estas finalidades as quais o JERGS se propõe, dependem também do “clima” criado em torno da competição, influenciando diretamente na forma de como o estudante a encara. Segundo Mesquita (2000) um ambiente de cooperação entre os atletas, os treinadores e os árbitros proporcionam aprendizados como: equilíbrio físico, emocional e social, e ser apologista de atitudes corretas (sentido de justiça, paciência e tolerância).

Eles são promovidos pela Secretaria de Estado da Educação, através da Assessoria de Esporte Educacional da Coordenação de Gestão da Aprendizagem do Departamento Pedagógico e executados pelas Coordenadorias Regionais de Educação, com o apoio das Prefeituras Municipais e da comunidade escolar gaúcha.

Os jogos acontecem em três categorias, mirim, infantil e juvenil, porém para o futsal feminino neste ano a categoria mirim não participou. A categoria analisada será a Infantil, que inclui as alunas nascidas em 1999, 2000 e 2001 (12 a 14 anos). Turpín (2002) acredita que a partir dos 12 anos de idade (categoria infantil) os estudantes já conseguem compreender a complexidade de uma competição escolar, entendendo que ela faz parte de um processo educativo maior.

A etapa analisada foi somente a municipal, onde não existe ônus para o Estado, ou seja, as escolas que devem ofertar serviços como transporte e alimentação. Isto possibilitou verificar o grau de apoio que as escolas estão oferecendo para a concretização da participação do evento.

Os árbitros foram designados pela empresa vencedora da licitação e supervisionados pela Coordenação Técnica de cada etapa dos Jogos. A competição de Futsal dos JERGS será regida pelas regras em vigor na Federação Gaúcha de Futsal, pelo que dispuser o Regulamento em pauta e pelo que for aprovado em Congresso Técnico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo transversal descritivo e exploratório. A pesquisa qualitativa se sustenta na crença de que as generalizações não são possíveis, pois cada pesquisa se refere a um contexto particular e restrito (NEGRINE, 2010). Segundo Gaya et al (2008) é descritivo, pois tem o objetivo de analisar determinados fenômenos, definir seus pressupostos e identificar suas estruturas; e exploratório, pois demarca características do perfil do grupo/fenômeno estudado.

3.2 SUJEITOS DO ESTUDO

Compuseram a pesquisa três professores de Educação Física, sendo um do sexo masculino e dois do sexo feminino que participaram do campeonato JERGS 2013 na modalidade esportiva de futsal feminino infantil.

Houve um contato via e-mail com o coordenador do evento JERGS 2013 para que se conseguissem os endereços eletrônicos dos professores que chegaram às finais dos jogos estudantis. A partir da posse deste material, encaminhamos um email em comum para os professores, solicitando a participação no trabalho.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados dois instrumentos de coleta. O primeiro foi uma entrevista semiestruturada com seis perguntas abertas. O registro auditivo foi gravado através de um gravador de voz. A entrevista semiestruturada permite coletar informações concretas e também garante liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema (anexo A).

A utilização de entrevistas, segundo Negrine (2010) é “uma estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite, ao

entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro”.

O segundo instrumento foi o registro fotográfico dos ambientes físicos no qual os treinos da equipe esportiva da escola e as aulas de Educação Física escolar aconteciam. O objetivo era poder materializar, através do registro, o espaço utilizado pelos professores no qual seriam citados nas entrevistas e que pudessem enriquecer o entendimento das falas dos professores.

3.4 REGISTRO DAS INFORMAÇÕES DAS ENTREVISTAS

As informações descritas foram uma reprodução do que foi dito pelos entrevistados sem resumo ou interpretação, ou seja, foram transcritas com fidelidade, sem alteração dos vocabulários utilizados.

3.5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Após descrever as informações o segundo passo realizado foi analisá-las. A descrição e análise das informações foram feitas a partir de categorias de análise, sendo realizadas a partir da aproximação dos temas núcleos da discussão caracterizando-se como produto da análise, pois não está desvinculada do foco do estudo. Possibilitando assim, num segundo momento a interpretação e discussão dos mesmos.

3.6 VALIDAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Depois de transcritas, o conteúdo das entrevistas foi encaminhado via email para os respectivos professores para que mesmos pudessem se manifestar quanto à concordância do que foi transcrito. Foi dada liberdade para fazer alterações, para que não se utilizasse informações mal interpretadas ao transcrever as entrevistas.

3.7 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E PRECEITOS ÉTICOS

A coleta de informações se deu *in loco* na escola no qual trabalham os respectivos professores. As coletas foram realizadas durante o segundo semestre de 2013, após a participação do campeonato JERGS 2013. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da investigação assinando assim o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo B). Após esses procedimentos relativos à ética em pesquisa, a entrevista foi iniciada e o material fotográfico registrado.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de auxiliar na análise das categorias levantadas a partir das entrevistas, optou-se neste capítulo inicialmente apresentar o perfil dos professores entrevistados e algumas características da sua escola.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES E SUAS RESPECTIVAS ESCOLAS

Para caracterizar os professores serão apresentados alguns dados de identificação dos professores entrevistados, e alguns dados obtidos através da entrevista e conversa informal ao longo da visita às escolas.

Professora “A”: nasceu em 1978 (36 anos); terminou a graduação em Educação Física em 2002 e a pós-graduação em 2003; cursou a Especialização em Gestão Escolar em 2006. Está em andamento no curso de extensão (EAD) e leciona em escolas desde 2004, e na escola pela qual participou do JERGS desde 2008, onde começou a trabalhar com a equipe da escola (foto 1 e foto 2).



Foto 1: quadra coberta e fechada



Foto 2: quadra de voleibol e poliesportiva ao fundo

Professora “P”: nasceu em 1966 (47 anos); terminou a graduação em 1998; não fez cursos de capacitação nos últimos três anos; leciona na respectiva escola há quinze anos (foto 3), tempo na qual leciona em escolas. Quanto ao tempo de trabalho com a equipe da escola são 9-10 anos (com diferentes modalidades esportivas).



Foto 3: prédio e 3 quadras da escola (duas poliesportivas e uma voleibol)

Professor “R”: nasceu em 1959 (54 anos); graduação em Educação Física em 1985; pós-graduação em 1992; leciona em escolas há doze anos, e na escola na qual participou do JERGS a 3 anos. Desde que começou a lecionar em escolas, assumiu a equipe da escola (foto 4 e 5).



Foto 4: pátio da escola



Foto 5: quadra coberta e fechada

A professora “A” e o professor “R” trabalham em escolas localizadas no extremo sul de Porto Alegre, sendo a primeira em uma escola municipal e o outro em uma estadual. Ambos relatam não terem uma infraestrutura muito adequada para as aulas extra-curriculares (treinos da equipe), então utilizam-se do centro comunitário local para tal, localizada nas proximidades das escolas. A professora “A” relata ainda que por vezes, não conseguem treinar devido à movimentação do tráfico de drogas



e tiroteios. Porém, chama atenção de que se acontecerá imprevisto na comunidade, elas (ela e as alunas) são previamente avisadas e naquele dia não haverá treino.

A professora “P” trabalha em uma escola da zona norte de Porto Alegre, da rede estadual. Não tem queixas quanto a quadra poliesportiva da escola, e relata que foi por mérito das equipes da escola que hoje as quadras estão pintadas com as demarcações dos esportes (futsal, voleibol e

basquetebol).

4.2 CATEGORIAS ANALISADAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS

4.2.1 Identidade Docente dos Professores de Educação Física Escolar (EFE)

Todos os entrevistados em algum momento de seu percurso de vida vivenciaram, enquanto discentes, experiências corporais relacionadas a prática de esportes, dentro e fora da escola, e em seus ambientes familiares. Acreditam que de alguma forma estas influenciaram na escolha pela Educação Física como profissão. Estes achados corroboram com encontrados por Filho (2010) em sua pesquisa com professores da rede estadual de Porto Alegre.

Desde pequena.... a minha família era de professores. Meu pai e minha mãe eram professores, acho que talvez tenha influenciado. E sempre nas minhas brincadeiras de infância eu adorava ser a professora. E eu sempre gostava de esporte, pratiquei dança, balé, natação, fora da escola. Tava sempre fazendo alguma coisa e ai fechou. (professora P)

Na verdade eu quando aluno não tive experiência de ser atleta, não na escola, mas no Centro Comunitário. Quando eu estudava não gostava muito de futebol [se referindo à Educação Física escolar], mas jogava fora. Dai fui gostando de jogar. Nós jogávamos futsal, futebol e voleibol. (professor R)

Sim, eu jogava na escola. Jogava no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, ai quando eu 'tava' me formando no ensino médio o professor me falou da possibilidade de jogar na equipe da UFRGS, que não era fechado só pras estudantes da UFRGS. Ai acabei

entrando na Educação Física da UFRGS [se referindo a *graduação*], participei da equipe de futsal da UFRGS, fomos pra Copa UNISINUS e jogamos estadual também. O esporte sempre fez parte de mim né. Eu sempre gostei de jogar futsal. Joguei futsal, judô e tênis. Assim, de auto rendimento foram esses, assim, de participação de clubes com equipes né. (professora A)

Alguns dos elementos citados pelos professores fazem parte da construção da identidade pessoal dos mesmos que intimamente estão relacionados com a identidade profissional. A identidade pessoal é entendida como características e habilidades de um processo de construção social de um sujeito historicamente situado e se tratando da identidade profissional, esta se constrói com base na significação social da profissão e de suas tradições. Logo, a construção da identidade docente se faz ao longo de nosso percurso pessoal e profissional, sendo permeada por aspectos de diferentes origens: sociais, históricos, familiares e de formação acadêmica (PIMENTA, 2000; TARDIF E LESSARD, 2013).

Outro estudo que teve resultados parecidos foi o de Figueiredo (2004). Ao entrevistar calouros de Educação Física sobre o porquê haviam escolhido cursar Educação Física, encontrou algumas respostas que corroboram com o presente estudo: experiências no campo familiar, recebendo incentivo de irmãos ou mesmo de pais que são professores de Educação Física, e a maior parte das respostas afirmava que a escolha pelo curso decorria da identificação com o esporte de alto nível ou pela própria experiência escolar voltada ao esporte.

Ao mesmo tempo vê-se na fala do professor “R” que o mesmo não gostava de praticar esportes na escola e a da professora “P” que não relata ter praticado o futsal no período escolar. Este achado corrobora com o encontrado por Voser (1999), dizendo que para ser professor da equipe esportiva da escola, o professor não precisava ter sido atleta da modalidade que esta hoje ensinando.

A fala da professora “A”, trás elementos para se refletir o quanto o professor da equipe esportiva da escola pode estar ajudando nas escolhas profissionais dos seus discentes. E o quanto que essas práticas foram significativas para ela, para que de fato escolhesse ser uma professora de Educação Física. Ao longo da entrevista a professora nos revela um pouco mais de seu percurso enquanto discente e atleta da escola e da graduação, e como foi modificando sua identidade através das suas experiências:

Eu entrei na faculdade pra ser treinadora, daquelas “meio ruim”, daquelas de clube, onde só as melhores participavam. Porque na minha fase escolar toda, sempre eu era uma liderança, eu olhava quem jogava melhor e escolhia pro meu time. Ai a professor de Educação Física “rogo praga” *[num sentido irônico]* e disse: “Tomara que tu tenha umas 10 alunas igual a ti”. E não sei, nas cadeiras mais pedagógicas assim, na faculdade, eu fui vendo outras possibilidades: de que todo mundo tinha chance de participa, de jogar, de que só a mesma panelinha é ruim. E esse mundo da escola acabou me encantando assim. [...] Dai fui me encantando pelas disciplinas e professores da área mais pedagógica, e o alto rendimento começou a me incomoda muito, fui me aproximando também da área de gênero e sexualidade, e essas questões de gênero e sexualidade, a escola é um campo muito vasto pra tu trabalha e problematiza. E então eu fui me identificando, fui indo. (professora A)

Pode-se pressupor através da fala da professora “A” que ela deveria ter um maior domínio motor, pois segundo Voser e Giusti (2002) estes estudantes tendem a exercer uma liderança natural nas atividades práticas.

A professora “A” traz ricos elementos da cultura escolar, presentes até hoje nas escolas e nas aulas: elementos pedagógicos do professor (não exclusão, afetividade, competitividade) e questões de gênero e sexualidade.

Percebe-se a complexidade deste ambiente, e que o período escolar é deveras significativo para os estudantes. Hoje, enquanto professora, ela consegue compreender que nesta mesma instituição pode-se, através dos esportes, por exemplo, ajudar na formação pessoal dos estudantes. Nieto (2006) também acredita que os professores exercem grande influencia na vida dos alunos, podendo redirecionar seus futuros.

4.2.2 Finalidades do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar

Encarando a escola como instituição responsável por formar cidadãos críticos, ao elencar o esporte como conteúdo a ser ensinado nas aulas, o mesmo deve seguir este objetivo. A dimensão do esporte contemplado no ambiente escolar e o esporte educacional que compreende as atividades praticadas nos sistemas de ensino, evitando-se a seletividade e a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo, a sua formação pra a cidadania e a prática do lazer ativo. Logo, aceitar o esporte de rendimento como

base para o ensino escolar torna-se incoerente e contraditório com o que se almeja (MACEDO, 2005; STIGGER, 2009; TUBINO, 2010).

De fato, na escola o esporte deve ser pedagogizado, para que seja desenvolvido todas as potencialidades que o conteúdo pode possibilitar trabalhar. Para Paes (2001) ele é um fenômeno cultural, social e sua prática deve ter objetivos que fujam da espetacularização e da prática pela prática. Nas aulas curriculares, ou formais, o professor de Educação Física deverá dar ao esporte um tratamento pedagógico diferente, pois desenvolverá de forma diversificada e abrangente, as possibilidades de conhecer, tomar gosto, aprender e manter o interesse pelo esporte. Corroborando, Gaya (2009) enfatiza que o objetivo ao se trabalhar o esporte nas aulas curriculares não deve ter a pretensão de formação de equipes escolares, mas sim "multiplicar a aprendizagem das modalidades esportivas".

Gosto muito de esporte. E o esporte é um meio de formar o adolescente em um cidadão. (professor R)

Na Educação Física a gente tem que estimular a prática, o lazer, que vai além do movimentar o corpo, o respeito às regras, resolver conflitos. Muitas coisas envolvem o jogo. O trabalho em equipe que é muito importante, que a gente não resolve nada sozinho. (professora P)

As duas falas estão de acordo com o preconizado ao se desenvolver o esporte educacional, onde são desenvolvidos ações educativas através do esporte. Para Barroso e Darido (2006) a sua presença na escola tem como objetivo a formação do cidadão para atuação direta na sociedade em que pertence.

Corroborando com os dados encontrados na presente pesquisa, Bento (2014) acredita que o desenvolvimento do esporte nas aulas de Educação Física escolar vai muito além do domínio puramente motor, integrando dimensões cognitivas, afetivas e sociais: aquisição de valores do *fair play*, do respeito, da consideração e tolerância, assim como atitudes de integração e cidadania.

Voser (1999) vislumbra o esporte em sua função educativa e formativa, mas acredita que para tal, deve-se utilizar uma pedagogia e intervenções voltadas para o interesse e participação da criança.

Os esportes são os conteúdos mais fáceis de desenvolver, inclusive os esportes que eles não conhecem, eles vão querer conhecer. Mas sempre alguém conhece e já ajuda e já sai. É muito fácil de desenvolver e eu adoro trabalhar o esporte. (professora P).

Eu gosto de ensinar o futsal, mas eu gosto de passar outros esportes que não sejam “quarteto fantástico”, como a gente diz. Principalmente esportes que não estão na mídia. Então eu trabalho “corfebol”(1), que é um esporte superinteressante, tem campeonato mundial e tudo. Daí eu fui atrás das regras. (professora A)

Interessante a expressão “quarteto fantástico”, utilizada também por Monteiro (2011) ao designá-la para os esportes mais tradicionais na Educação Física escolar como: basquetebol, futsal, handebol e voleibol. A mesma autora utiliza o exemplo do corfebol como um esporte menos conhecido e divulgado na mídia, e que pode ser desenvolvido na escola. E elenca algumas similaridades entre os dois grupos de esporte coletivos: atacar no campo do adversário, defender seu campo, apresentarem oposição aos adversários e cooperar com os outros jogadores de sua equipe. “Essas relações entre o ataque e a defesa e entre cooperação e oposição compõem a estrutura fundamental das modalidades esportivas coletivas”.

Conforme Vago (1996) a escola pode e deve problematizar o esporte como fenômeno sociocultural (produzido e acumulado historicamente) e o esporte escolarizado (a cultura escolar de esporte). Esta problematização produz uma forma de apropriação do esporte, através de uma tensão permanente. Portanto, afirma-se a escola como um lugar de produção de cultura.

Filho (2010) aponta alguns critérios para a seleção do esporte como conteúdo que utiliza maior carga horária das aulas de Educação Física escolar que são material disponível e espaço físico, a popularidade do conteúdo (os alunos tem mais conhecimento), e estes achados também apareceram no presente estudo.

Diferente do citado acima, a causa da desmotivação dos alunos no estudo de Staviski e Cruz (2008) é a desmotivação dos professores ao desenvolver o conteúdo esporte. Pode-se verifica que os achados do presente estudo vão de encontro ao do estudo anterior, pois através da fala da professora “P” pode-se observar uma motivação ao ensinar o esporte e desmotivação frente a outros conteúdos.

É muito fácil de desenvolver e eu adoro trabalhar o esporte. [...] Quando eu tento dar outro conteúdo, eu mesma me sinto desmotivada. E talvez isso não motive tanto os alunos. (professora P)

(1) Jogo Holandês, desde 1902. Surgiu pela necessidade de criar um jogo que permitisse que raparigas e rapazes jogassem juntos. São 8 jogadores, 4 de cada sexo. O objetivo é introduzir a bola de cima para baixo, no cesto do adversário colocado a 3,5 metros de altura. (http://www.sporting.pt/Modalidades/OutrasModalidades/Corfebol/corfebol_oquee.asp)

Entretanto, o professor deve estar ciente do potencial da disciplina Educação Física escolar, pois como coloca Voser e Giusti (2002) além de desenvolver aspectos físicos e disciplinares, ela promove a autoconfiança através dos jogos, danças, lutas, ginásticas e atividades rítmicas.

Independente do conteúdo ou modalidade esportiva, o professor de Educação Física deve mostrar para a instituição escolar que a sua disciplina tem o mesmo grau de importância das demais disciplinas obrigatórias. E que segundo Voser e Giusti (2002) a mesma deve: “promover em seus beneficiários o desenvolvimento de habilidades motoras, atitudes, valores e conhecimentos, procurando levá-los a uma participação ativa e voluntária em atividades físicas e esportivas ao longo de suas vidas; ser ministrada num ambiente de alegria, em que as práticas corporais sejam prazerosas; propiciar vivências e experiências de solidariedade, cooperação e superação; valorizar práticas esportivas, danças e jogos nos conteúdos dos seus programas, inclusive as atividades que representam a tradição e a pluralidade do patrimônio cultural do país e das suas regiões; ser meio de desenvolvimento da cidadania nos alunos beneficiários e de respeito ao meio ambiente” (pg 17).

4.2.3 Finalidades das aulas na Equipe Esportiva da escola

Segundo Gaya e Torres (2004) o esporte extracurricular tem sua finalidade oportunizar para as crianças e jovens “um aprofundamento das práticas esportivas”, atravessado por pressupostos de inclusão e participação e que “deve ser desenvolvido através de princípios de formação e educação”. Paes (2001) acredita que “em nenhum momento o esporte está desvinculado da educação. Portanto, o esporte é aquilo que fazemos dele”. Em outras palavras, o momento extra-curricular, onde ocorrem os treinos da equipe esportiva da escola, devem ser vistos pelos professores como formativos e educativos.

Os alunos que estão na equipe, estão ali porque gostam né. Então na aula [*Educação Física escolar*] eles são ótimos, estão sempre prontos para participar, participam de tudo. Açam que tudo é bacana, tudo é bom, não só os esportes de preferência deles, mas os outros também, então acho que eles gostam, sentem prazer de fazer a aula. (professora P)

Na fala da professora “P” pode se observar que de alguma forma os alunos que fazem parte da equipe, conseguem enxergar o esporte escolar como algo prazeroso. Assim como na fala da professora “A”, porém ela nos chama a atenção para algo interessante, a intervenção do professor pode ser um fator bem importante na motivação:

Até sobre as gurias, elas não são as melhores alunas de Educação Física da escola. No sentido da motivação pra fazer a aula né. Lógico que tem toda a questão do professor que vai fazer a aula, que vai trabalha com elas [...]. (professora A)

Corroborando com Paes (2001) onde coloca que a grande critica não é direcionada ao conteúdo esporte, mas como ele será desenvolvido pelos professores.

Ao serem questionados sobre a diferença da motivação dos alunos na prática da educação física curricular e extra-curricular, os professores “A” e “R” comentam encontrar uma certa resistência dos alunos que só participam da Educação Física escolar.

A [*motivação*] da equipe elas tão ali porque querem, porque gostam de praticar esporte. E a escolar o pessoal tão ali na ‘obriga’. Porque eles têm que fazer aquilo ali pra ganhar nota. Essa é a grande diferença. (professor R)

E quando tu vai pra treina, tu tá indo porque tu quer, tu gosta, tu quer melhorar. Eu sempre digo que é isso é muito diferente, né. A motivação que tu vai pra aula, e a motivação que tu vai pro treino. (professora A)

A motivação é uma ferramenta importante de ser considerada, pois garante a permanência do aluno no esporte (SOUZA, 2011). Um estudo realizado por Staviski e Cruz (2008) mostra que a maior dificuldade de se desenvolver o esporte é o fato de os alunos não estarem interessados pelo rendimento esportivo ou não apresentam destacado desempenho motor. Pode-se destacar um motivo para tal desmotivação: a ênfase que o professor está dando para o esporte é o rendimento e performance, quando deveria ser o esporte educacional.

Isso mostra que a intervenção pedagógica com os esportes não pode se esgotar nos gestos técnicos. O professor deve colocar um limite para o ensino dos gestos técnicos, contudo, não significa retirá-los das aulas de Educação Física na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O professor “R” também concorda com

este pensamento, dizendo que a técnica deve ser passada na Educação Física escolar, mas que é aprofundada na equipe esportiva da escola.

É preciso desenvolver valores que privilegiem o coletivismo, ações pedagógicas que permitam a participação de todos os alunos com as mesmas oportunidades, etc. (MACEDO, 2005) Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz "a dois", e de que é diferente jogar "com" o companheiro e jogar "contra" o adversário. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

As duas professoras entrevistadas ("P" e "A") também comentaram que em um dos jogos elas jogaram uma contra a outra, e isso fez com que uma das escolas fosse eliminada para disputar a final. Na final, a equipe que perdeu estava assistindo o jogo e torcendo para elas ganharem. Isso mostra que as professoras têm trabalhado através de suas ações pedagógicas, o citado acima pelos autores.

Bento (2004) faz uma reflexão muito interessante sobre a intervenção pedagógica na escola através do esporte. Ele acredita que as aulas de Educação Física devem proporcionar vivências formativas de um estilo de vida voltado à prevenção de comportamentos desviantes, ligados ao consumo de drogas e as diversas formas de violência.

E a minha ideia quanto professora é formar valores com essa gurizada, e eu penso que o esporte, a música, a cultura, é um bom caminho para trabalhar com valores e pra tirar nossa gurizada da droga né. Porque a droga tá levando nossa gurizada. (professora A)

Pode-se observar na fala da professora um fato real vivido em seu contexto profissional, e que ela aposta no esporte como um conteúdo formador. Maia e Albuquerque (2002) acreditam que a escola e o professor de Educação Física através do esporte podem utilizá-lo como uma estratégia para a prevenção do uso indevido de drogas na escola.

Outro objetivo da Educação Física extra-curricular para Paes (2001) seria garantir de que "todos os alunos exercitem o direito de aprender o esporte". Um dos parâmetros para visualizarmos tal explanação é que em todas as escolas participantes da pesquisa os treinos são realizados no turno inverso ao curricular e a seleção dos participantes se faz de forma voluntária. Outro dado importante de se

trazer é que em nenhuma das escolas os alunos recebem liberação das aulas de Educação Física para os treinos, assim como na pesquisa de Filho (2010).

Para tal ambição, os professores entrevistados organizam sua grade de horários, contemplando algumas horas semanais para os treinos.

Hoje são quatro treinos por semana, com cinco horas de treino por semana. (professora A)

São três dias na semana, com duração de uma hora e meia. (professor R)

Na equipe a gente tem o objetivo de participar de uma competição. Os treinos acontecem no turno inverso, então as gurias estudam pela manhã e treinam à tarde. Eu tenho oito períodos, quatro em cada turno, 50 minutos cada. Daí são dois períodos para o feminino e dois para o masculino, em cada turno. (professora P)

Pode-se constatar que todos os professores recebem um horário específico para os treinos das equipes da escola, mostrando, de certo modo, o apoio que a escola dá para o seguimento do trabalho extra-curricular. Turpín (2002) defende que a escola deve entender estes momentos e a competição, enquanto instrumento pedagógico, como parte da educabilidade do sujeito, estando integrada ao Projeto Político pedagógico. Outra forma de verificar este apoio é na participação dos eventos fora da escola.

Se eu preciso sai da escola pra leva a equipe, eu tenho ônibus, eles seguram as outras turmas aqui. Tranquilo. A escola é parceira mesmo. A escola confia. A gente leva a merenda da escola, já se organiza antes né. A escola da tanto transporte quanto material para os treinos. Eu tenho todo material que eu posso precisar. (professora P)

Temos todo o apoio. Tem material pra equipe, tem uniforme. Temos condução pra leva o pessoal. Tem lanche também. Tem bastante apoio. Não temos nenhuma cobrança. Apoio total. (professor R)

No caso da professora “A” (escola municipal), esta relação de apoio se dá um pouco diferente, entre as necessidades da equipe e o que a escola pode oferecer.

Então é muito fácil apoiar assim, no sentido de que, pelo menos não barra. Eu tenho total liberdade de fazer as coisas. Tem escolas que nem isso tem né. Que é muito complicado assim, é eu sozinha pra tudo. Eu faço bilhete, eu corro tras de lanche, eu corro atrás de transporte. Porque a gente tem uma parceria com a SMED, que já é previsto um número extra de viagens de ônibus

pra nós né. Porque, não que a escola tenha “má vontade”, mas se tu pedi um ônibus pra time, tu vai ta competindo com as turmas pra ir num passeio, por exemplo. Então eu acho que faltaria mais empenho da direção. Porque é um trabalho solitário, eu que vou lá, eu que dou treino, eu que vou atrás, eu que resolvo tudo”.

Também pode-se ressaltar as questões relativas ao material para a prática dos esportes na competição.

Muito....muito sai do meu bolso. Não que eu não tenha a parceria da escola. O outro fardamento, por exemplo, as gurias tiveram várias conquistas ao longo do ano importantes, e como elas tiveram muitos elogios, dai eu pedi um fardamento novo. Mas o nosso, o que usamos no JERGS fui eu que banquei. E bola também, eu vi qual era a bola que estavam usando nos campeonatos e vou lá e compro né. (professora A)

Quanto aos materiais para as aulas de educação física, Nieto (2006) descreve que muitos professores usam dinheiro próprio para tal aquisição. Por outro lado, pode se encontrar o motivo para tal ação na fala da professora “A”: o entusiasmo em oportunizar condições melhores para as alunas realizar os treinos e durante a participação nas competições.

Sabe-se que as semelhanças e as diferenças do esporte nos dois desdobramentos escolares são ainda uma temas polêmicos e atuais, porém o que os une é seu caráter educativo e formativo (SCAGLIA, MEDEIROS E SADI, 2006).

4.2.4 Contextualização do Futsal feminino no ambiente escolar

Olha Andressa, no meu tempo a Educação Física era vôlei para as meninas e futsal para os meninos, e o futsal hoje é praticado por todos, exige muita habilidade, é muito rápido, cheio de estratégia. [...] E me alegra muito o futsal feminino crescendo do jeito que esta crescendo, é impressionante, todo ano entra aluna e aluno novo na equipe, que já sabem jogar, que participaram de alguma competição, que já tem alguma experiência, e isso estimula os outros. (professora P)

Pode-se perceber na fala da professora o momento de ascensão da prática do futsal pelo sexo feminino. É importante que os professores oportunizem essa prática para todos seus discentes, mostrando o potencial de ambos para a prática. Assim, podem-se evitar comparações de desempenho inoportunas, pois segundo a ADIEE (Associação Desportiva do Instituto Estadual de Educação), as mulheres têm

de ser comparadas entre si. Assim terão respeitada sua individualidade; as meninas poderão se iniciar no futsal sem a responsabilidade e/ou o objetivo de terem de se comportar como os meninos naquilo que fazem para serem aceitas pelos professores. E isto, nós podemos observar na fala da professora “A”.

O pessoal da escola me questiona muito porque que eu trabalho muito com as gurias. Porque eu gosto de trabalhar com as gurias, penso que é um trabalho diferenciado, porque as mulheres já têm que, só por ser mulher, provar que tu és mais capaz que o homem. Não precisa falar nada, basta tu ser mulher, tu já tem que provar né. E se for categorizando, mulher, negra, gorda, lésbica, então tu vai deixando mais complicada a situação. (professora A)

A discussão que quero colocar aqui não está calcada em pilares feministas, mas não podemos negar que está permeada por aspectos como o preconceito, muito frequente no ambiente escolar. Este preconceito está na ordem do: classismo, racismo, sexismo, heterossexismo, homofobia e outras formas de gestão das fronteiras da normalidade. São elementos “intrusos e sorrateiros” que agem como elementos estruturantes do espaço escolar, onde são cotidiana e sistematicamente consentidos, cultivados e ensinados, produzindo efeitos sobre todos (JUNQUEIRA, 2011). Devido o futsal ser um esporte considerado "masculino" (SANTOS E BANDEIRA, 2009; SOUZA, 2011; SILVEIRA E STIGGER, 2013), era sabido que encontraríamos alguma fala sobre tal situação, ao pesquisar sobre o conteúdo futsal na Educação Física escolar.

Através das falas dos professores “P” e “R”, podemos ver como “enxergam” e lidam com suas alunas estas questões, e como esse tratamento pedagógico muda a reação das alunas frente aos acontecimentos de vitória e derrota:

A equipe infantil feminina era muito boa, e nós ficamos em segundo lugar. Foi muito legal, elas valorizaram muito aquilo, era uma equipe que não tinha muita habilidade, mas elas foram muito tranquilas.

O treino é dividido em dois períodos. Nos primeiro período eu do os fundamentos e depois eles se reúnem em times e daí é o jogo mesmo, focando no entrosamento. Porque um time pode não ter muita habilidade, mas ele sabe aonde quer chegar, é unido, entrosado, sabe aonde quer chegar. (professora P)

Então eu não acho muito legal quando eles ficam muito ansiosos, ficam muito nervosos, as gurias geralmente ficam nervosas. Elas levam um gol ou começam a perde, daí já ficam tristes, começam a chorar, mas depois, logo em seguida já passa.

Nos treinos eu primeiro faço os fundamentos do treinamento, depois umas jogadas ensaiadas e depois vai pro jogo mesmo. Para elas pegarem o ritmo do jogo, para jogarem bastante, porque depois que elas tão lá, elas ficam nervosas e logo se esquecem da metade das jogadas. (professor R)

Porque por uma questão cultural, as meninas tem que estar em casa, cuidando da casa, cuidando dos irmãos e das irmãs. Mesmo que a menina não seja a mais velha da família, tem que ta em casa cuidando. Então o tempo de lazer não é o mesmo que se dispõe pros meninos. E isso só por uma questão cultural, e não por uma questão biológica. E a gente tem que quebrar isso, eles têm direito de jogar, e elas também tem que ter esse direito, então vamos dividir as tarefas. Então eu oportunizo mais treinos pra elas, mais horas pra elas. (professora A)

O professor “R” tem uma visão preconceituosa perante a equipe feminina, diferente da professora “P”, que mesmo entendendo que as alunas não são tão habilidosas, considera que o entrosamento pode modificar o andamento do jogo.

Souza (2011) vai ao encontro dos argumentos da professora “A”, colocando que questões culturais devem conceber respostas de cunho reflexivo para que tais preconceitos não se perpetuem no contexto escolar e fora dele.

De certa forma, a fala dos professores mostra como vislumbram a equipe feminina participar de eventos competitivos, e como o seu posicionamento como professores interfere no significado que as alunas darão pra tal. Talvez seus modos de agir e pensar, seja um reflexo de uma reviravolta da legislação, que de alguma forma interferiu na disseminação do futsal feminino, principalmente nas escolas, visto ser um ambiente de forte influencia para o contato com os esportes (SANTANA E REIS, 2003).

Na década de 40, no Brasil, um político chamado José Fuzeira escreveu uma carta para Getúlio Vargas, solicitando que a prática do futsal fosse proibida por mulheres, devido afetar "o equilíbrio fisiológico de suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe...". A estrutura extremamente conservadora da sociedade na época fez com que a participação das mulheres em ambientes esportivos não fosse permitida (GOELLNER, 2005). Na época havia um crescimento acelerado do número de times no Brasil, porém a visão era que estes times eram "200 núcleos destroçadores de saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes."

Devido a esta carta, muitas mulheres foram proibidas a praticarem atividades esportivas como o futsal no Brasil. É impossível imaginar o quanto essa lei deixou marcas até hoje em nossa história. Ela só foi revogada no ano de 1979, ou seja, 38 anos após sua proibição:

Às mulheres se permitirá a prática de desporto na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive competições, observando o disposto na presente deliberação. (Deliberação CND N.º7/6. N.º1). (SANTOS E BANDEIRA, 2009, *apud* TEIXEIRA JR., 2006, p. 17).

Porém, tem-se o registro da Associação Desportiva do Instituto Estadual de Educação (ADIEE) dizendo que em 08/01/83 o Conselho Nacional de Desportos (CND) oficializou a prática de Futsal para mulheres, ou seja, a 31 atrás. Outro registro encontrado é que o futsal feminino foi autorizado pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) em abril de 1983 (SANTANA E REIS, 2003). Pode-se constatar, então, que a história do futsal feminino no Brasil é "recente", vem mostrando mudanças crescentes quanto ao número de praticantes, valorização da prática realizada por mulheres e por ter o objetivo de ser um esporte olímpico (apoio masculino), aumentando o interesse pela modalidade nas escolas.

Goellner (2005) acredita que toda a visibilidade e crescimento que hoje os esportes e atletas femininas ganharam, dependeram muito mais do próprio esforço individual e coletivo do que uma efetiva política nacional de inclusão das mulheres no âmbito do esporte e das atividades de lazer.

4.2.5 Competição: um elemento educativo e formativo

Muitos autores mostram a negação que os professores de Educação Física quanto a competição, não sendo discutida no meio acadêmico, sendo desprestigiada nas práticas pedagógicas (REVERDITO et al, 2008). Porém, saber competir é condição de preparação para a vida que está inerente ao processo formativo, possuindo assim, finalidades educativas (MARQUES, 2004).

Porque eu vou cobrar nos dois espaços coisas no sentido de respeitar o colega, respeitar o adversário, tu entender que tu não precisa partir pra violência pra ti ganhar as coisas, tu ter postura, na escola, na aula, no ginásio que tu vai jogar, ter educação com o

motorista ou a motorista, são valores que eu vejo em comum (professora A)

Castellani (1998) e Bôas et al (2000) lembram que o tratamento pedagógico dado a competição é o grande diferencial para ser visto como algo educativo e formativo, pois como apontam Marques (2004) e Oliveira (2002) não existe desporto sem competição. Então cabe ao professor refletir com os estudantes sobre os momentos de derrota e de vitória, que acontecerão tanto na competição, quanto na vida. E isso é algo em que os professores entrevistados também acreditam:

Nada de quebra-quebra, revolta, os que não foram não puderam participar por seus motivos. Mas, a competição ela está presente na sociedade, tu compete pela atenção dos teus pais, dos teus irmãos, e assim vai. A competição é algo que faz parte, agente tem que aprender a lidar com ela. (professora P)

Porque a gurizada vem muito com a fala: 'Tem que ganhar ne!, Eu sou o bom. Tem que fazer gol!'. E tu tem que coloca outras questões que sozinho ele não pode nem iniciar uma partida, tu depende dos teus colegas, depende da equipe adversária. E então não tem graça tu sai daqui e joga em um outro lugar e a outra escola não comparece. A questão de tu mostra que quem participa do esporte tem que ser um bom exemplo, acima de tudo. Então são desafios diários. (professor A)

Marques (2004) acredita que o conceito de competição deva ser melhor desenvolvido, pois percebe que ela seja um elemento crucial na formação.

Ao elencar alguns pontos do esporte e da competição no sentido de formação, Ferreira (2001) lembra os professores de que o foco de suas intervenções são os estudantes e não necessariamente a modalidade que irão utilizar no processo de ensino-aprendizagem: instrumentalize o aluno a conviver com o fenômeno do esporte; negue a especialização precoce; leve em conta as múltiplas possibilidades do esporte, compreendendo seus diferentes significados; tenha a participação como um princípio. Em outras palavras, através das suas aulas os professores devem proporcionar conhecimento e experiências para que o estudante saiba diferenciar as classificações do esporte na sociedade e reconhecer seus objetivos nestes diferentes espaços, tornando-os criativos e autônomos quanto ao seu corpo e suas expressões, e incentivando-os a se posicionarem criticamente.

Partindo do pressuposto de que a competição tem um caráter formativo, o professor pode proporcionar aos estudantes participações em competições que também sigam este propósito. Alguns exemplos que o Marques (2004) trás são: as

competições devem ser adaptadas ao talento da criança, as suas habilidades e ao seu grau de desenvolvimento; os eventos competitivos devem acontecer de preferência dentro dos limites locais e regionais.

A professora “A” também acredita nessas mudanças como algo produtivo e propositivo para as competições escolares, assim como a professora “P”. Entretanto, as mesmas ressaltam aspectos que mostram que a organização do evento ainda esta deixando a desejar nesse quesito.

Essa [se referindo à quadra da escola onde aconteceram os jogos onde sua equipe participou] além de ser de madeira, era bem menor, mas a gente procura soluções para os problemas e não só reclamar. E nós estamos lá para isso, pra poder ajudar, orientar para poderem jogar melhor. (professora P)

O espaço físico é outra questão que eu apontei como ruim, porque procuram centralizar né, como vêm escolas de todos os bairros de Porto Alegre. (...) Mas tem escolas estaduais aqui da zona sul também [*participando do evento*], que de repente poderíamos fazer a rodada ali né. (professora A)

A fala da professora “A” faz pensar num sentimento de preconceito em não utilizarem espaços considerados adequados, mas por serem no extremo sul não são utilizados para jogos. Isso nos faz pensar que pode estar faltando comunicação da organização.

Gaya e Torres (2009) relatam que é muito importante para a formação educacional que os estudantes participem e vivenciem momentos de que só aconteceriam devido à competição: viajar e conhecer outras cidades ou até zonas dentro da sua própria cidade, conviver com pessoas diferentes e da mesma faixa etária, podendo de tornarem amigos por mais que sejam adversários. Corroborando com o pensamento dos autores, as professoras (“A” e “P”) relatam suas vivencias:

Esse pessoal que vai comigo pra fora da escola, eles tem outras finalidades. Eles acabam fazendo amizades com pessoal que são lá da Zona Sul, que dificilmente se conheceriam se não fosse pelo evento esportivo, conhecem a realidade de outras escolas, e criam laços, facebook, redes sociais, e isso é muito bacana. (professora P)

Outro ponto discutido por Marques (2004) ao falar de campeonatos entre escolas é que estes não podem promover uma subversão na lógica de formação, dando prioridade aos resultados. Uma valorização excessiva dos resultados pode

além de alterar a configuração dos treinos, minimizar o seu caráter formativo. E isto se pode observar na fala da professora “P”, muito descontente com a forma que hoje o campeonato esta organizado, onde uma escola perde uma partida e esta automaticamente fora da competição:

Então são mais de 40 escolas para sair um campeão. Ou seja, tu treina, treina, trabalha teu aluno, e daí se tu perde um jogo, a gente sai da competição. Então de educativo não tem nada. Não acrescenta em nada, mas continuei participando porque eles pedem. Já é uma cultura dos alunos da escola participar do JERGS.

Corroborando com sua fala, Oliveira (2002), quando coloca que este é o padrão hegemônico do esporte (alto rendimento). Este tipo de competição não valoriza o trabalho desenvolvido, por vezes, ao longo de todo ano letivo, e não preconiza o caráter formativo que o evento poderia ter. Turpín (2002) também concorda que em uma competição escolar critérios pedagógicos devem ser os norteadores, como por exemplo, promover mais jogos possibilitando vários momentos de vitória e não vitória.

Apesar disto, um ponto positivo lembrado pela professora “A” é a importância social dos eventos esportivos escolares, pois:

(...) por mais complicado que seja a questão burocrática do JERGS, eu acho super importante da gurizada participa, tem outros campeonatos na cidade, só que dai entra escolas particulares, que já digo que não tem os mesmos problemas que a gente e isso faz toda a diferença. Muitas vezes a gente não tem quadra, e quando tu vai participa do JERGS, daí tu nivela todo mundo, tu já da chances iguais assim. Por isso que eu gosto do JERGS. (professora A)

E outro ponto positivo levantado pela professora “A” foi quanto à arbitragem, que também esta inserida no processo, colaborando no caso para o ambiente formativo do campeonato.

Penso que a arbitragem é fundamental, ao pensar na questão formativa, em algo pedagógico, porque a arbitragem tá ali pra educar essa gurizada e não pra punir. Eu acho que a punição, a expulsão não educa, como se tu chegasse e conversasse pedir pra se acalmar, fala com a professora, tira um pouquinho porque tá muito nervosa né. Eu acredito muito mais nesse processo educativo né. Esse ano foi uma arbitragem muito legal, muito parceira, tá de parabéns a escolha da arbitragem.

Reverdito et al (2008) elencaram vários autores que acreditavam na co-participação ativa dos alunos, professores e árbitros, para que o ambiente esteja propício para o que se propõe: aquisição de valores como cooperação, solidariedade, convivência, entre outros. A professora “A” nos revela que nas reuniões Congresso Técnico e orientações para a arbitragem foram combinadas adaptações frente às regras da Federação Gaúcha de Futsal e do Regulamento, como por exemplo: tempo da partida; a bola cada escola tem que levar uma; o tamanho da quadra não é oficial. Também se é falado em arbitragem mais participativa e menos punitiva. Os professores podem participar destas reuniões sugerindo adaptações para que o evento se aproxime da realidade dos participantes daquele ano.

Como participante deste ambiente, o posicionamento do professor deve estar acima das dificuldades, pois eles estão ali por causa dos alunos. A visão que os professores têm quando perguntado se a competição fora da escola é positiva:

A competição é educativa. Quando tu pega uma equipe mais forte, dá pra tentar refletir que temos que treinar mais, melhorar os fundamentos. Então isso acaba sendo um incentivo pra gente treina mais. Pra ficar sempre melhor. (professor R)

Eu nunca tive problemas com alunos que perderam e tiveram que vir embora pra casa. Jamais. [...] Tentar sempre fazer o melhor que puder, e chegar ao objetivo. Se não deu, a gente tem que fazer o balanço, para sempre rever as coisas e melhorar. (professora P)

Eu confesso que nesse JERGS, de 2013, eu enquanto professora fiquei feliz, porque realmente o que eu passei pra elas, o que eu ensinei nesses anos todos, elas aprenderam. Eu fiquei arrasada né. Eu perdi a classificação, não fui disputa a final. Eu empatei com a outra escola e perdi o saldo de gol. Dai eu fiquei arrasada, acabou o dia pra mim. E elas, acabou o jogo, estavam lá fazendo festa, estavam até torcendo pra outro time, e elas falaram: “Sora, a gente ganha tanta coisa, por que te tu ta assim sora?! Grandes coisa. Que que tem? Só um jogo, sora”. (professora A)

As competições são portanto um conteúdo a ser ensinado, e ensina-se o aluno a competir competindo. A questão é qual tipo de competição que o professor está elencando para ensinar seus alunos? (SCAGLIA, MEDEIROS E SADI, 2006)

É nesse sentido, que se ressalta a importância de um olhar mais criterioso por parte do professor de Educação Física, pois ao participar de uma competição, por excelência terá um ganhador e um perdedor. O que se pretende é o uso pedagógico da competição, um novo sentido para sua existência no âmbito escolar, permitindo

que o desempenho individual e as diferenças entre os alunos não sejam fatores que desestimulem a participação nas aulas de Educação Física escolar. Assim, a vitória deixa de ser o objetivo principal do esporte e como critério de avaliação, não se utilizando-o como resultado final, mas como o processo pelo qual o aluno passou (MONTEIRO, 2011).

5. CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

O foco desta pesquisa foi a manifestação das práticas esportivas no contexto escolar e como ela pode ser desenvolvida em sua totalidade e com princípios pedagógicos. Elencaram-se elementos importantes para análise, ampliando-se os critérios para seu desenvolvimento neste contexto.

A escola e o professor de Educação Física não devem negar o fato de que o esporte é um conteúdo deveras importante a ser ensinado, visto seu caráter sociocultural, porém não deve ser desenvolvido como único conteúdo da cultura corporal do movimento.

O futsal feminino é vislumbrado como um conteúdo em ascensão e que ainda sofre influências socioculturais. Sugere-se novos estudos onde mais professores sejam entrevistados, e que incluam os alunos que participam das equipes esportivas que representam a escola, a equipe diretiva e os próprios envolvidos com a organização do evento JERGS.

Um dos elementos que fazem com que o esporte não seja desenvolvido na escola, ou seja, mal entendido quanto as suas finalidades educacionais é a competição. Porém, viu-se que a competição é um instrumento educacional que está inserida no contexto esportivo, tanto nas aulas de Educação Física, quanto nas aulas da equipe esportiva da escola. O trato pedagógico dado pelo professor será o grande diferencial para ser utilizado como um instrumento realmente formativo.

Sugerem-se novos estudos onde mais professores sejam entrevistados, incluam os alunos que participaram das equipes esportivas da escola, a equipe diretiva e os próprios envolvidos com a organização do evento competitivo. Assim como a possibilidade de “dar voz” as equipes que foram eliminadas logo no início do campeonato. Podendo-se assim, analisar que fatores corroboram ou não para o esporte e, por consequência, a competição ser de fato formativa para todos que dela participam.

REFERÊNCIAS

- ADIEE (Associação Desportiva Instituto Estadual de Educação), **História do Futsal Feminino. Um pouco sobre a história do Futsal Feminino no Brasil**, Disponível em: <http://adiee.webnode.com.br/futebol%20de%20sal%C3%A3o%20feminino/>, acessado em 04.05.2014.
- BARROSO, A L R; DARIDO, C S. Escola, Educação Física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.
- BÔAS, Marcelo da Silva Villas; FONTANELLA, Francisco Cock; PEREIRA, Vanildo Rodrigues. AS FACES DO ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 87-96, 2000.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 5ª Ed. Disponível em:< http://Bd.Camara.Gov.Br/Bd/Bitstream/Handle/Bdcamara/2762/Ldb_5ed.Pdf>. Acesso Em 14 De Dezembro De 2012.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento** - Ano VI - Nº 12 – 2000.
- _____. **Sociologia critica do esporte: uma introdução**. 3 edicao, Ijuí: 2005.
- _____. Esporte de rendimento na escola. *In*: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados: 2009.
- FERREIRA, Henrique Barcelos. **Iniciação esportiva: uma abordagem pedagógica sobre o processo de ensino-aprendizagem no basquetebol**. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- FIGUEIREDO, Z. C. C.. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-111, janeiro/abril, 2004.
- FILHO, Francisco Goldschmidt. **Crêterios utilizados pelos professores de Educação Física para a escolha dos esportes tratados em suas aulas entre o 6 e o 9 ano: cotidiano de três escolas da rede estadual de ensino de Porto Alegre**. Monografia (graduação), ESEF/UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a pedagogia do armário**. *In*: *Corpos, gêneros, sexualidades e relações*

étnico-raciais na educação / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.). - Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

GAYA, Adroaldo. Sobre os esportes para crianças e jovens. *In*: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados: 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**. v. 8, n. 1, 2005.

KIELING, José Fernando. Alienação. *In*: **Dicionário Paulo Freire**. Organizado por: Danilo R. Streck; Euclides Redin; Jaime José Sitkoski. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

MACEDO, Livia Salomão. **O ensino do futsal na Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Campinas, São Paulo, 2005.

MAIA, Lilia Braga; ALBUQUERQUE, Vera Lúcia M. de. O esporte e a atividade física como estratégia de prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas. **Atividade Física e Saúde**. V. 7, n.3, 2002.

MESQUITA, Isabel. **Pedagogia do Treino**. A formação em jogos desportivos coletivos. Editora Livros Horizonte, Lisboa, 2000.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg; MOLINA NETO, Vicente. Pesquisar com narrativas docentes. *In*: **A pesquisa qualitativa na Educação Física**. Alternativas Metodológicas. Organizado por Vicente Molina Neto e Augusto N. S. Triviños. – 3 ed. – Porto Alegre:: Sulina: 2010.

MONTEIRO, Alessandra. **As modalidades esportivas e os jogos no âmbito escolar**. W Educacional Editora e Cursos Ltda: Brasília-DF, 2011.

NIETO, Sonia. **Razones de profesorado para seguir con entusiasmo**. Barcelona: Octaedro, 2006.

O que eh corfebol? Disponível em: http://www.sporting.pt/Modalidades/Outras/Modalidades/Corfebol/corfebol_oquee.asp, acessado em: 25.06.2014.

OLIVEIRA, Diná Teresa Ramos de. **Por uma resignificação crítica do esporte na Educação Física: uma intervenção na escola pública**. Dissertação (Mestrado). Campinas, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

PAES. Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico de Ensino Fundamental**. Editora da ULBRA, Canoas: 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

REVERDITO, Riller Silva, et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Revista Pensar a Prática**, v. 11, n. 1 (2008).

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento** 2003; 11(4): 45-50.

SANTOS, Odair Jose Dos; BANDEIRA, Tânia Leandra. Futebol e futsal feminino. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 14, nº 135: 2009. Acessado pelo link: <http://www.efdeportes.com/efd135/futebol-e-futsal-feminino.htm>, em 05.05.2014.

SANCHES, Vanda Cristina; BORIM, Jayne Maria. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, nº 149, 2010. Acessado pelo link: <http://www.efdeportes.com/efd149/futsal-feminino-no-brasil-e-no-parana.htm>, em 05.05.2014.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R.S. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista Virtual**, RN/Natal, v. 3, n. 23, Abril/2006. Disponível em: <HTTP://efartigos.atSPACE.org/espofrtes/artigo68.htm> acessado em 06.06.2014.

SILVEIRA, Raquel da.; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino. **Revista Brasileira de Ciências e esporte**. Florianópolis, v. 35, nº 1. 2013.

SOUZA, Marinês Matter de. **Futsal também é coisa de mulher: por que será que elas o praticam?** Trabalho de conclusão de curso (Graduação), ESEF/UFRGS, 2011.

STAVISKI, Gilmar; CRUZ, Whyllerton Mayron Da. Aspectos motivadores e desmotivadores e a atratividade das aulas de Educação Física na percepção de alunos e alunas. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 13 - Nº 119 - Abril de 2008. Acessado pelo link: <http://www.efdeportes.com/efd119/aspectos-motivadores-e-desmotivadores-das-aulas-de-educacao-fisica.htm> em 15.06.2014.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

TENROLLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.

TESTA, Wagner Luis; NETO, Olimpio. Cultura esportiva na escola ou da escola?. *EFDeportes.com*, **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, Agosto de 2011. Acessado pelo link: <http://www.efdeportes.com/efd159/cultura-esportiva-na-escola.htm>, em 1/06/2014.

TUBINO, Manoel. **Estudos brasileiros sobre o esporte**. Ênfase no esporte-

educacional. Maringá: Eduem, 2010.

TURPIN, J. A. P. **La competición en el ámbito escolar: um programa de intervención social.** Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Departamento de Didática Geral e Didáticas Específicas, Universidade de Alicante, Alicante, 2002.

VOSER, Rogério da Cunha. **Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal.** Pelotas: R. C. Voser, 1999.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. **O futsal e a escola.** Uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

APÊNDICE A

Entrevista Semi estruturada

Dados de identificação:

Nome; idade; nível de escolaridade;

Nome da escola; a quanto tempo trabalha com a Educação Física escolar;

A quanto tempo trabalha com a equipe esportiva da escola; tem experiência esportiva ou é ex-atleta; se sim, qual modalidade;

Há quantos anos participas do JERGS; sempre com a mesma modalidade?

1. O que te motivou a dar aula na Educação Física escolar?
2. Descreva os desafios que enfrentas para desenvolver a prática do esporte na escola.
3. Como foi assumir a equipe da escola? O que te motivou?
 - 3.1 Comente como/onde acontecem os treinamentos.
 - 3.2 Os alunos que treinam fazer a Educação Física escolar?
 - 3.3 Como se dá a seleção das equipes?
 - 3.4 Existe diferença entre o interesse dos alunos, em relação ao esporte, nestes contextos: Educação Física escolar e da equipe da escola? Se sim, cite algumas diferenças.
 - 3.5 Em relação a escola, existe algum tipo de apoio para a participação neste tipo de evento? Existe alguma cobrança de resultados?
4. Comente algumas diferenças entre as finalidades da Educação Física escolar e da equipe esportiva da escola, em relação ao uso do esporte?
 - 4.1 Acreditas que nos dois contextos existe o caráter formativo e educacional?
 - 4.2 O ambiente das competições do JERGS possui também este caráter formativo e educacional?
5. Quais os pontos positivos e/ou negativos da competição para os alunos?
 - 5.1 E em relação ao JERGS?
 - 5.2 Como tu vislumbras a competição JERGS? Comente como é realmente o

ambiente durante a competição.

5.3 Os ideários do JERGS estariam de acordo com os da Educação Física escolar?

6. Queres deixar uma mensagem final para os professores que lerão sua história através da sua entrevista, sobre a utilização do esporte como ferramenta pedagógica.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, sabendo que o mesmo objetiva vislumbrar os saberes e prática pedagógica de professores que se utilizam do esporte como instrumento de ensino em momentos diferentes: nas aulas de Educação Física Escolar e na equipe esportiva da escola. Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária. Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido (entrevista). Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que novas informações, obtidas durante o estudo, me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também me foi garantido pelo pesquisador, sigilo, assegurando a privacidade dos dados envolvidos na pesquisa.

Caso tiver alguma dúvida, posso entrar em contato com a pesquisadora responsável Andressa Ceni Lopes pelo fone 0 XX 51 84940447, e com meu orientador Dr. Rogério da Cunha Voser pelo fone 0 XX 51 84016980.

Declaro ainda, que recebi cópia do presente consentimento.

Assinatura do entrevistado

Nome

Data

Assinatura do investigador

Nome

Data